



Alianças para outros futuros: Diálogos cruzados na crítica ao capitalismo tecnocientífico

Catarina Morawska

Felipe Vander Velden

Ana Cecília Campos

Bruno Cardoso

Gabriel Sanchez

Luisa Fanaro

Luisa Tui Sampaio¹

Inventariar vidas tem sido uma prática recorrente da Ciência, do Capital e do Estado, seja em termos de espécies a serem conhecidas, classificadas e catalogadas, produtos a serem desenvolvidos e comercializados, ou populações a serem governadas e reguladas. Seres dos mais diversos são quantificados e inseridos em cadeias de produção, convertidos em trabalho precário, insumos, mercadorias e dados. Indústrias e conglomerados financeiros contabilizam florestas em papéis, títulos, cifras e ativos que circulam em escala global. Processos de capitalização movimentam fluxos por toda a parte, conectando o pangolim chinês às ações da indústria farmacêutica, o RNA mensageiro às tecnologias da informação, mutações de vírus à expansão de ideologias políticas ultraconservadoras.

Com o lastro arrancado da Terra desenham-se gráficos e equações em bolsas de valores, previsões econômicas e futuros incertos. Novos estratos geológicos se fazem dos ritmos entrelaçados e dissonantes de mercados e sistemas ecológicos. Das marcas que se estendem pelas paisagens - microbiológicas, regionais, geológicas, cosmológicas - urge a necessidade de pensar e experimentar coletivamente outros devires possíveis, relacionalidades em conexão com a Terra, inventários alternativos e alianças pautados por conhecimentos que levem em conta negociações e histórias para além do ocidente e para além do humano.

É preciso mais do que nunca explicitar, a partir da antropologia da ciência e da tecnologia, os dispositivos sociotécnicos que conferem materialidade ao capitalismo tecnocientífico, que transforma a Terra em recursos e sujeita relações outras-que-humanas à

¹ A filiação institucional de todas e todos é a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

lógica do capital. E fazê-lo junto com críticas feministas que enfatizam como o capitalismo tecnocientífico toma corpo não como um fenômeno coerente e totalizante, mas por meio de projetos divergentes e fragmentados, frequentemente instáveis, inacabados e em risco. Junto com críticas pós-humanistas, que nos relembram de mundos mais que humanos em coabitação, das redes de conexões com a Terra, das relações que criam possibilidades de vida a partir de um processo sempre mutante, de colaborações, transformações e devires. Junto também com críticas decoloniais à geopolítica global do capitalismo tecnocientífico, que explicitam os efeitos desiguais da devastação planetária e o racismo ecológico que se escancara em periferias, quebradas, beiras de rio, quilombos e terras indígenas. Junto, ainda, com críticas animalistas, que propõem maneiras radicalmente inovadoras e anti antropocêntricas sobre o estar no mundo e co-produzir o mundo. Junto, por fim, com críticas indígenas e de povos tradicionais ao modo de vida capitalista, que nos oferecem um futuro possível por meio de alianças plurais e formas alternativas de se fazer, pensar e viver.

Como a antropologia da ciência e tecnologia no Brasil pode ajudar a construir uma compreensão crítica do capitalismo tecnocientífico? Como diálogos cruzados entre conhecimentos científicos e tradicionais podem contribuir para a emergência de mundos em que os privilégios de certos humanos não acabem por devastar os modos de vida da multidão de outros humanos e outros-que-humanos? Como a atenção a composições multiespecíficas permite vislumbrar relacionalidades em conexão com a Terra? Como alianças estratégicas podem fazer brotar futuros possíveis que levem em conta temporalidades entrelaçadas e convivialidades mutuamente constituídas?

Para responder a essas perguntas, a VIII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (VIII ReACT), cujo título-tema foi *Alianças para outros futuros: Diálogos cruzados na crítica ao capitalismo tecnocientífico*, buscou forjar um lugar de encontro para incitar diálogos e imaginar possíveis conexões e alianças entre as críticas antropológica, feminista, pós-humanista, animalista, decolonial e indígena ao capitalismo tecnocientífico. A ideia foi colocar no centro da discussão da antropologia da ciência e da tecnologia a problemática de como fazer ver etnograficamente os modos pelos quais a Ciência se imiscui em projetos corporativos e estatal-desenvolvimentistas.

Como se sabe, o evento, desde suas edições anteriores, já se converteu em um importante fórum de discussão sobre pesquisas, objetos, abordagens, métodos e perspectivas teóricas/epistemológicas do campo da antropologia da ciência e da tecnologia, em interface direta com outras matrizes disciplinares e campos de atuação, conectando-se com diferentes

áreas da produção científica e tecnológica no interior do sistema nacional de pesquisa e pós-graduação. Em sua VIII edição, por conta da pandemia do novo coronavírus, a ReACT foi sediada de forma virtual na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), entre os dias 21 e 26 de novembro de 2021.² O formato, assim, teve de ser adaptado às circunstâncias - circunstâncias, inclusive, que dizem muito sobre a proposta temática central da própria reunião. O acesso aos debates foi totalmente público e gratuito pelo canal da Rede no YouTube, o que garantiu um enorme número de participantes: 1.142 pessoas inscritas no evento, e 395 trabalhos apresentados em 29 seminários temáticos (STs).

Não se surpreende, portanto, que a participação no evento praticamente dobrou, ao menos em relação à ReACT de 2019, quando houve 620 inscritos e 183 trabalhos apresentados em 11 seminários temáticos. Isso pode ser atribuído ao formato virtual adotado, que garantiu que os participantes não tivessem despesas com deslocamento e estadia, tampouco com taxas de inscrição, como é tradição da ReACT³.

Ainda que sem a usual interação presencial, houve um enorme engajamento do público com as atividades, o que indica a importância da estratégia de divulgação científica por meio das redes sociais para conferir visibilidade às discussões na área de antropologia da ciência e da tecnologia. Apenas na semana em que o evento transcorreu houve um total de 5.142 visualizações das sessões diversas disponíveis no YouTube (diálogos síncronos e assíncronos e lançamentos de livros), com um tempo total de exibição de 1.366,2 horas, 145 compartilhamentos e 99,9% de avaliações positivas. Ademais, nos diálogos cruzados, que permitiam a interação do público por meio do chat ao vivo do YouTube, houve 377 interações e manifestações.⁴ Também no Instagram a repercussão foi bastante significativa, com 70 posts, 870 seguidores, aproximadamente 3.985 curtidas, 40 *stories* com aproximadamente 13.800 visualizações, além de 97 interações no *direct*.⁵

² O evento contou com o apoio da Rede de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (ReACT); do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) - UFSCar; da UFSCar por meio da Fundação de Apoio Institucional ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FAI), da Secretaria Geral de Educação a Distância (SEaD) e da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX); e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (processo nº 2021/02818-7).

³ É bom também ressaltar que como o financiamento para as humanidades tem se reduzido nos últimos anos no país, o orçamento para todo o evento foi de apenas 3 mil reais. Assim, a comissão organizadora contou com uma equipe bastante reduzida, formada por 2 professores e 5 pós-graduandos que trabalharam voluntariamente (e intensamente) ao longo de 2021.

⁴ As informações sobre visualização e interação correspondem apenas à semana do evento (22 a 26/11/2021); por isso, e como os vídeos dos diálogos e demais sessões da VIII ReACT constituem acervo público com permanente interesse antropológico, e permanecerão à disposição para novas visualizações no perfil da Rede ReACT no YouTube, esses números seguramente aumentarão nos próximos tempos.

⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/viiiireact/>>. Também foi realizada divulgação do evento na página do Facebook da Rede ReACT. Disponível em: <<https://www.facebook.com/react.antropologia/>>.

Se o formato do evento permitiu um grande alcance quanto ao público, também implicou um árduo trabalho prévio de preparação de conteúdo. O lançamento de livros, por exemplo, foi realizado por meio da apresentação de vídeos previamente gravados pelas/os autoras/es.⁶ Este foi também o caso das mesas – que chamamos, nesta VIII ReACT, de “diálogos” – que foram gravadas, editadas e legendadas ao longo dos meses de preparação do evento (entre julho e novembro de 2021). Nossa decisão por gravar os diálogos com antecedência e exibir as gravações no canal da Rede no YouTube teve a intenção de garantir o conteúdo principal do evento para o caso de eventuais problemas técnicos ao longo da semana de 21 a 26 de novembro. Além disso, a tarefa de gravação dos “diálogos” acabou por envolver todos os membros da comissão organizadora e as/os participantes convidada/os, em um intenso processo dialógico que se desdobrou ao longo dos meses de preparação, e aproximou antropólogas/os brasileiras/os de seus pares estrangeiros,⁷ bem como de ativistas que vêm buscando ampliar as suas alianças com a universidade, de modo a visibilizar a sua luta contra atividades mineradoras e petrolíferas que impactam seus territórios (ver programação na tabela 1). Desse modo, a proposta temática do evento se refletiu tanto em sua forma, eminentemente dialógica, como em seu conteúdo, centrado na discussão de outros futuros a partir das críticas ao capitalismo tecnocientífico.

Seguindo tal abordagem, foram exibidas, na sequência dos diálogos gravados, as mesas síncronas denominadas “diálogos cruzados”. O intuito foi reunir convidadas/os que apresentassem reflexões a partir das temáticas dos diálogos gravados, exibidos na parte da tarde do mesmo dia, de modo a efetivamente cruzar dois diálogos na formação de um terceiro, ao vivo, e com a participação do público que poderia manifestar questões, comentários e provocações pelo chat do YouTube.⁸

⁶ Os livros lançados foram: “Biotecnologias, transformações corporais e subjetivas: saberes, práticas e desigualdades”, de Fabíola Rohden, Chiara Pussetti e Alejandra Roca (orgs.), pela Editora da Associação Brasileira de Antropologia; “De despojos y luchas por la vida”, de Xochitl Leyva Solano, Patrícia Viera Bravo, Júnia M. Trigueiro de Lima, Alberto C. Velázquez Solís (orgs.), publicado pela Cátedra Jorge Alonso da Universidade de Guadalajara/CIESAS e pela Jorge Alonso Cooperativa Editorial Retos/CLASCSO; “Caipora e outros conflitos ontológicos”, de Mauro Almeida, pela Editora UBU; “Engajamentos coletivos nas fronteiras do capitalismo”, de Catarina Morawska (org.), pela Editora da Universidade Federal de São Carlos; “Anatomización. Una disección etnográfica de los cuerpos”, de Santiago Martínez Medina, pela Editora da Universidad de los Andes; “O arpão e o anzol: técnica e pessoa na Amazônia”, de Carlos Sautchuk, pela Editora da Universidade de Brasília; “O sacerdote e o aprendiz: antropologia de um terreiro amazônico”, de Hermes e Souza Veras, pela Editora Letramento.

⁷ As/os convidadas/os estrangeiras/os eram de instituições na Colômbia (1), Argentina (2), Noruega (1), Canadá (1), Reino Unido (2), Estados Unidos (4). Entre estes, 65% fizeram suas apresentações em espanhol ou português.

⁸ Todos os diálogos permanecem à disposição – assim como todos os diálogos e lançamentos de livros gravados – no canal da Rede de Antropologia da Ciência e Tecnologia no YouTube (https://www.youtube.com/channel/UCiB_4Z-GplxSjj0efaRvFOA).

Os tradicionais Seminários Temáticos (STs) das reuniões da rede ReACT puderam ser ampliados no formato online, tendo sido aprovados um total de 29 STs, coordenados por 76 pesquisadoras/es, sendo 92,1% brasileiros e 7,9% estrangeiros, em sua grande maioria da América Latina⁹. Um total de 545 autoras/es tiveram seus resumos aceitos nesses STs, dos quais 497 eram brasileiros (91,2%) e 48 estrangeiros (8,8%)¹⁰. Entre os brasileiros, os proponentes dos trabalhos eram originários de todos os 26 estados da Federação, mais o Distrito Federal. A distribuição por região, tanto dos coordenadores de STs (figura 1) quanto de apresentadores de trabalhos (figura 2), mostra como há ainda uma predominância da participação de pesquisadores de instituições das regiões Sul e Sudeste, uma tendência que se manteve apesar do estímulo, pelas próprias regras de submissão de trabalhos na VIII ReACT, à submissão conjunta com pessoas das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte.



Figura 1 Proveniência de coordenadoras/es de STs da VIII ReACT por região da instituição

⁹ As/Os coordenadoras/es estrangeiros de STs eram provenientes do México (2), Peru (1), Argentina (1), Colômbia (1) e Reino Unido (1).

¹⁰ Foram aprovados um total de 395 trabalhos para os Seminários Temáticos (STs). O número de participantes dos STs (545 autoras/es) excede o número de trabalhos apresentados porque muitos destes tinham mais de um/a autor/a, frequentemente de instituições diferentes, o que denota diálogos cada vez mais amplos e diversificados na antropologia brasileira.

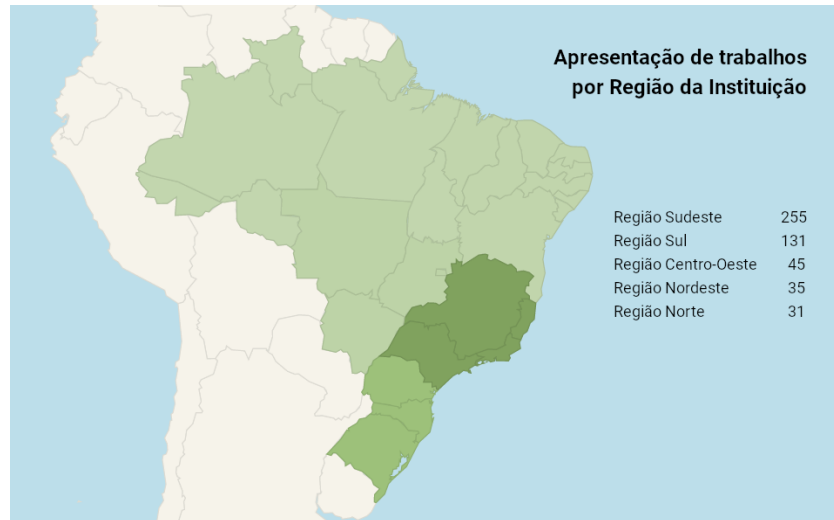


Figura 2 Proveniência de autoras/es de trabalhos nos STs da VIII ReACT por região da instituição

Entre as/os estrangeiras/os proponentes de trabalho, 62,5% eram da América Latina, 25% da Europa e 12,5% dos Estados Unidos e Canadá (figura 3). As figuras 4 e 5 abaixo destringem a participação estrangeira por país.

Tais dados apontam para algumas das “encruzilhadas político-científicas” da antropologia da ciência e da tecnologia brasileira, para usar a terminologia dos diálogos de encerramento do evento. De um lado a internacionalização, como uma demanda de agências financiadoras, nos incita a ampliar colaborações acadêmicas com parceiros em países latino-americanos, o que tem se percebido dentro da própria ReACT. De outro lado, a intensificação de ataques a direitos territoriais a partir da expansão de projetos corporativos e estatal-desenvolvimentistas nos faz refletir sobre a urgência de colaborações entre instituições situadas em diferentes regiões do país, e que se estendam para além dos muros da universidade, a partir de pesquisas implicadas e cada vez mais engajadas ([Morawska et al. 2022](#))¹¹.

A VIII ReACT parece ter avançado em ambos os caminhos, ao reunir, num mesmo espaço de reflexão crítica, além de antropólogas/os da ciência e da tecnologia, seus colegas estrangeiros, sobretudo latino-americanos, e outros tantos ativistas, que se propuseram a imaginar alianças entre diferentes práticas de conhecimento que levem em consideração socialidades humanas e não humanas mutuamente constituídas. Estes anais refletem muito dessas discussões, tanto em termos da proposta temática do evento, como se vê nos textos da seção de apresentação, quanto nos trabalhos aqui publicados, que foram discutidos nos seminários temáticos ao longo dos 5 dias de encontro.

¹¹ Morawska, Catarina et al. *Alliances and Institutional Partnerships for an Engaged Anthropology of Science and Technology*. Platypus. April 26, 2022.

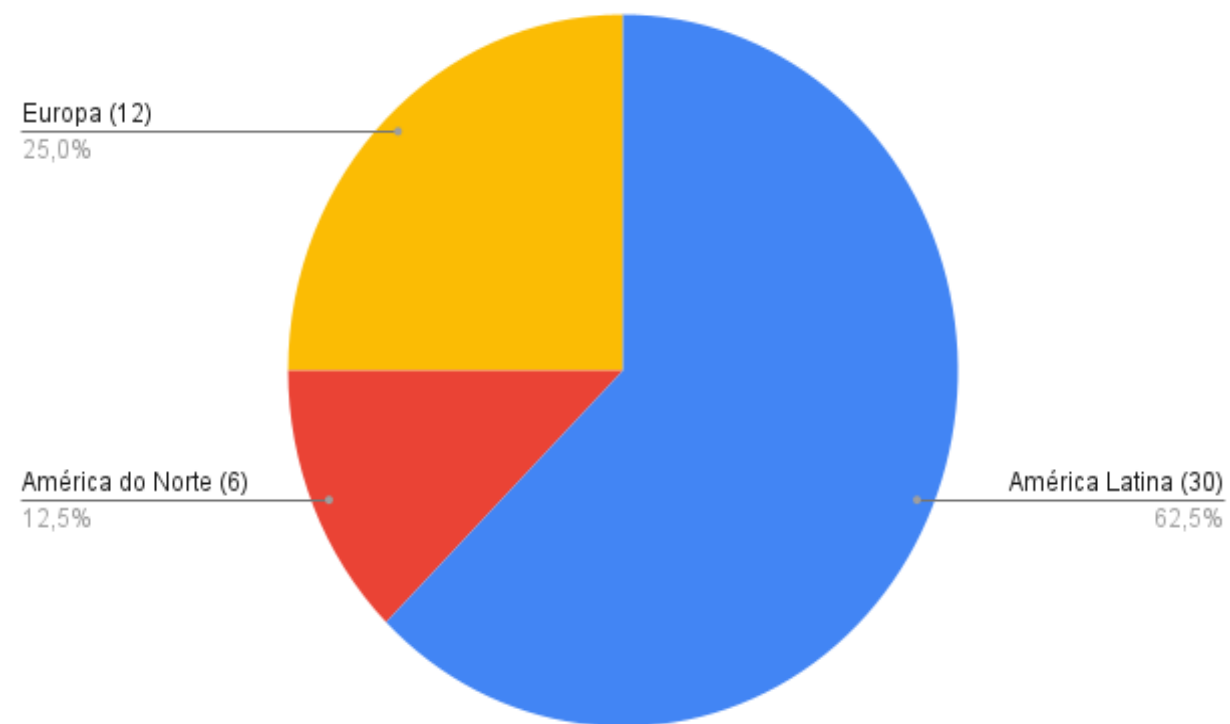


Figura 3 Proveniência de autoras/es estrangeiras/os que apresentaram trabalhos nos STs da VIII ReACT

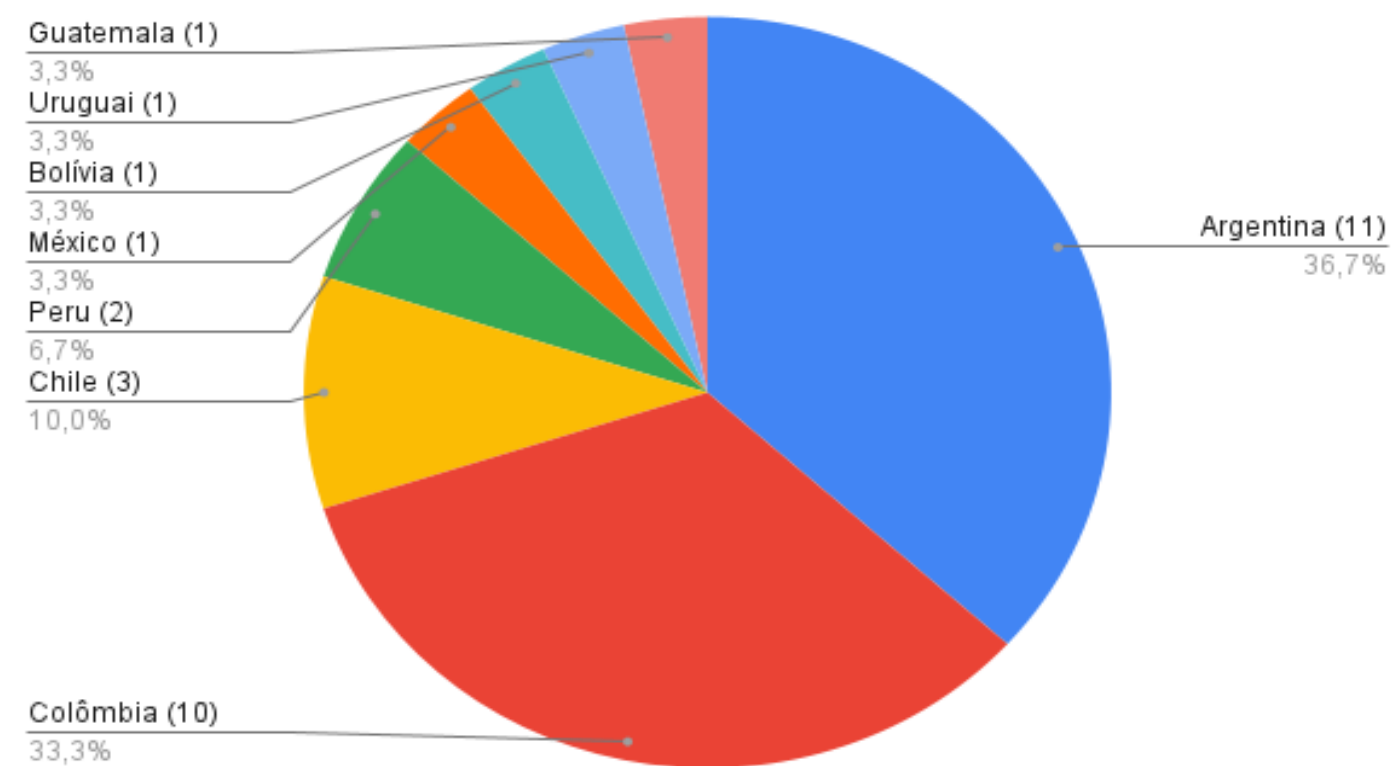


Figura 4 Proveniência de autoras/es latino-americana/os que apresentaram trabalhos nos STs da VIII ReACT

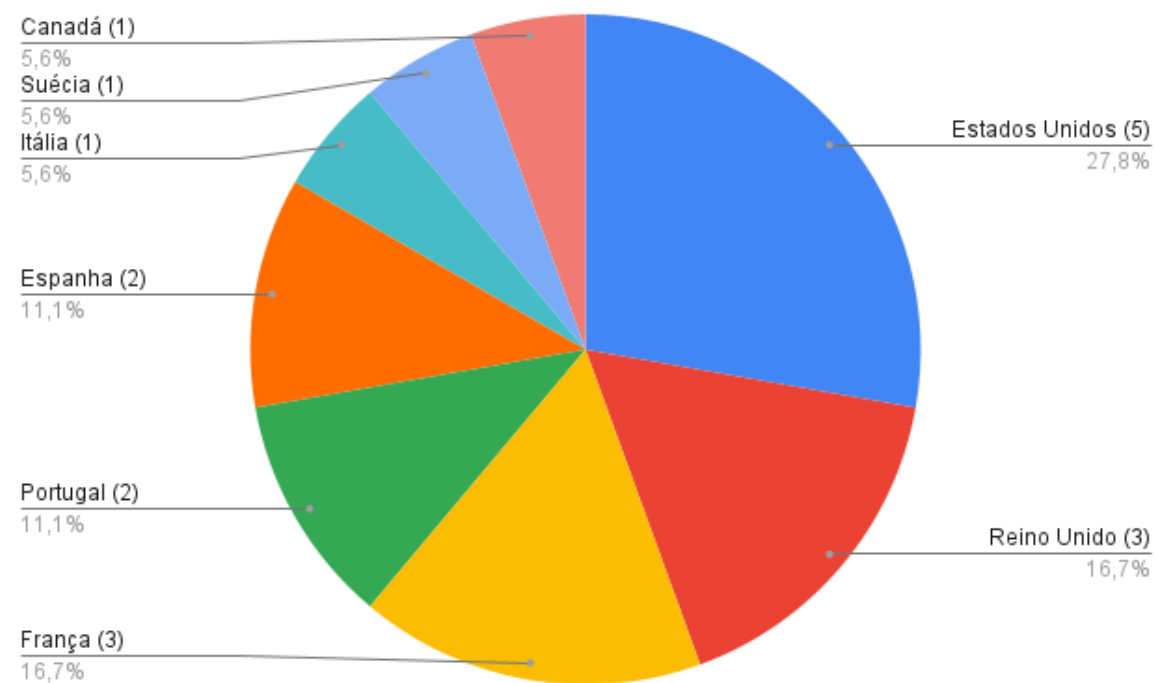


Figura 5 Proveniência de autoras/es em instituições da Europa e América do Norte (excluindo México) que apresentaram trabalhos nos STs da VIII ReACT

Programação da VIII ReACT¹²

22/11 – 2ª feira

9h – Reunião da Comissão da ReACT

10h30 – Diálogos de Abertura – Sobre alianças e futuros: contágio de ideias e encontros improváveis

Eduardo Viana Vargas (Universidade Federal de Minas Gerais)

Marina Cardoso (Universidade Federal de São Carlos)

Comissão Organizadora da VIII React

13h30 – Lançamento de livros

14h – Tecnologias de capitalização da água

Andrea Ballesterio (University of Southern California)

Eliana Creado (Universidade Federal do Espírito Santo)

Thais Mantovanelli (Universidade Federal de São Carlos e Instituto Socioambiental)

16h – Prospecção, extração e conversão de animais em mercadorias

David Jaclin (University of Ottawa)

Juliana Fausto (Universidade Federal do Paraná)

Guilherme Sá (Universidade de Brasília)

18h30 – Diálogos Cruzados – A Terra como mercadoria, a Arte como recomposição

Stelio Marras (Universidade de São Paulo)

Denilson Baniwa (Artista Jaguar, Vencedor do PIPA Online 2019)

Gê Viana (Colagista Maranhense, Vencedora do Prêmio PIPA 2020)

23/11 – 3ª feira

9h às 12h - Seminários Temáticos (STs)

13h30 – Lançamento de livros

14h – Práticas, técnicas e ontologias da domesticação

Marianne Lien (University of Oslo)

Graciela Froehlich (Universidade de Brasília e Instituto Mulheres e Economia)

Carlos Sautchuk (Universidade de Brasília)

16h – Maré e Guanabara: lutas do mar

Marizelha Lopes (Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais)

Daize Menezes de Souza (Associação Homens e Mulheres do Mar da Baía de Guanabara)

Alexandre Anderson de Souza (Associação Homens e Mulheres do Mar da Baía de Guanabara)

Cecília Mello (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Patrícia Rodin (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Suzane de Alencar Vieira (Universidade Federal de Goiás)

¹² A programação final do evento está disponível em: <https://react2021.faiufscar.com/pagina/5461-programa%C3%A7%C3%A3o#/>

18h30 – Diálogos Cruzados – Viver entre marés: afetos, memórias, lutas e tecnopolíticas das paisagens

Rafael Devos (Universidade Federal de Santa Catarina)

Ana Claudia Rodrigues da Silva (Universidade Federal de Pernambuco)

Celeste Meldrano (Universidad de Buenos Aires)

24/11 – 4ª feira

9h às 12h - Seminários Temáticos (STs)

13h30 – Lançamento de livros

14h – Infraestrutura das Finanças: parentesco, política e novas formas de socialidade

Juan Pablo Pardo–Guerra (University of California, San Diego)

Gustavo Onto (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Catarina Morawska (Universidade Federal de São Carlos)

16h – Antropologia dos dados e a comparação como técnica

Antonia Walford (University College London)

Magda Ribeiro (Universidade Federal de Minas Gerais)

Renzo Taddei (Universidade Federal de São Paulo)

18h30 – Diálogos Cruzados – Algoritmos, corpos e política

Fernanda Bruno (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Letícia Cesarino (Universidade Federal de Santa Catarina)

25/11 – 5ª feira

9h às 12h - Seminários Temáticos (STs)

13h30 – Lançamento de livros

14h – Feminismos Moleculares: ciência e devires

Deboleena Roy (Emory College of Arts and Sciences)

Marina Nucci (IMS/Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Marcos Carvalho (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

16h – A economia do vírus, tecnociência e capital

Andrea Mastrangelo (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas e Universidad Nacional de San Martín)

Rosana Castro (IMS/Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Luísa Reis Castro (University of Southern California)

18h30 – Diálogos Cruzados – Transformações corporais, transformações textuais: dispositivos etnográficos na antropologia da ciência

Tania Perez Bustos (Universidad Nacional de Colombia)

Fabiola Rohden (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Daniela Manica (Lajbor/Universidade Estadual de Campinas)

26/11 – 6ª feira

9h às 12h - Seminários Temáticos (STs)

13h30 – Lançamento de livros

14h – A comunicabilidade entre ciências através do tempo e de culturas

Geoffrey Lloyd (University of Cambridge)

Aparecida Vilaça (Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Joana Cabral (Universidade Estadual de Campinas)

Pedro Lolli (Universidade Federal de São Carlos)

16h – Parcerias político-científicas na Jureia (SP): geoprocessamento e justiça na luta caicara

Adriana de Souza de Lima (União dos Moradores da Jureia)

Marcos Venicius de Souza Prado (Associação dos Jovens da Jureia)

Helena França (Universidade Federal do ABC)

Rodrigo Ribeiro de Castro (Universidade Estadual de Campinas)

Mauro Almeida (Universidade Estadual de Campinas)

18h30 – Diálogos de encerramento – Encruzilhadas político-científicas: caminhos e alianças para outros futuros

Marko Monteiro (Universidade Estadual de Campinas)

João Paulo Barreto (Universidade Federal do Amazonas)

Flávia Melo (Universidade Federal do Amazonas)

Com a participação da Comissão Organizadora e das anfitriãs da IX ReACT, Suzane Alencar (UFG) e Indira Caballero (UFG)